



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAPÁ–  
IFAP  
CAMPUS LARANJAL DO JARI  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB**

**DERLANE PIMENTEL MONTEIRO**

**OS DESAFIOS DO ENSINO E APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM O  
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) EM TEMPOS DE PANDEMIA:  
UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO.**

**LARANJAL DO JARI – AP**

**2022**

**DERLANE PIMENTEL MONTEIRO**

**OS DESAFIOS DO ENSINO APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM TRANSTORNO  
DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) EM TEMPOS DE PANDEMIA:**

**UM ESTUTO BIBLIOGRÁFICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá, Campus Laranjal do Jari, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia.  
Orientador: Prof. Me. Rafael Dantas Dias.

**LARANJAL DO JARI – AP**

**2022**

**Biblioteca Institucional - IFAP**  
**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

---

- M775d Monteiro, Derlane Pimentel  
Os desafios do ensino e aprendizagem de alunos com o transtorno do espectro autista tea em tempos de pandemia: um estudo bibliográfico / Derlane Pimentel Monteiro - Laranjal do Jari, 2022.  
34 f.: il.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá, Campus Laranjal do Jari, Curso de Licenciatura em Pedagogia (Ead), 2022.
- Orientador: Me. Rafael Dantas Dias.
1. Aprendizagem. 2. Autismo. 3. Ensino remoto. I. Dias, Me. Rafael Dantas, orient. II. Título.

---

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica do IFAP  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

DERLANE PIMENTEL MONTEIRO

Projeto de pesquisa de conclusão de curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia  
pela Banca Examinadora formada por:



---

**Professor Me. Rafael Dantas Dias**

Orientador e Presidente da Comissão



---

**Professor Esp. Alessandro de Jesus Carvalho Veloso**

Membro parecerista



---

**Professora Esp. Marcileide Pimenta de Freitas**

Membro parecerista

Laranjal do Jari- AP, 19 de Maio 2022

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me permitido chegar até aqui, aos meus pais, e minha avó Maria Félix, que sempre estiveram comigo me apoiando durante todo esse longo percurso em buscar de minha formação, as minhas irmãs que são o significado da minha vida e a todos os meus familiares. Ao meu companheiro Walter Kobayashi e aos meus filhos, Damilly Vitoria, Davi Kobayashi e Lucas Kobayashi, por todos os conselhos, toda colaboração e dedicação, por caminhar comigo e não medirem esforços para me ajudar com tudo que fosse necessário.

Aos meus colegas e amigos que fizeram com que esse período se concluísse com mais alegria, além de toda ajuda e colaboração que eles sempre me ofereceram.

Também agradeço a todos os professores que passaram por minha formação, desde minha professora da pré-escola, a qual eu tenho profundo respeito e admiração, até os meus professores da graduação.

De forma, especial agradeço as tutoras Marcileide Pimenta de Freitas e Márcia Cristina Távora do Nascimento, por todo apoio e incentivo nesses últimos anos de curso, por sempre estarem a disposição em me ajudar, agradeço a Professora Vera Lúcia Silva de Souza Nobre, por todas as horas que foi me dedicada na construção deste trabalho, ao meu professor orientador Rafael Dantas Dias, que foi meu guia durante todo esse processo na produção deste trabalho, me orientando e apontando os melhores caminhos para a essa produção deste trabalho.

Sem vocês eu não teria chegado até aqui, registro aqui os meus sinceros agradecimentos por tudo, meu muito obrigada!

## **RESUMO**

A educação é um direito de todos e dever do Estado em oferecer meios legais para a inclusão e permanência de todos os estudantes na escola, principalmente aqueles que possuem necessidades educacionais especiais, como é o caso dos autistas. O autismo interfere diretamente no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, em especial nas relações sociais desses estudantes. Diante do cenário da pandemia do COVID -19, os estudantes autistas foram colocados em um novo desafio, o ensino remoto. Nesta perspectiva, o presente trabalho teve como objetivo compreender os desafios do ensino remoto para os alunos com autismo, tendo como suporte os estudos na área da Educação por meio de aspectos revisionais. Para que o objetivo fosse atingido utilizou-se o método de levantamento bibliográfico nas principais plataformas científicas, como o Scielo e o Google Scholar, assim como a Biblioteca Nacional de Teses e Dissertações, com recorte de 2020 a 2021. Encontrou-se 9 estudos que mostraram a influência do ensino remoto na educação dos alunos autistas. Observou-se que a principal dificuldade encontrada por esses alunos é se adaptar à nova rotina de estudos, assim como ao novo regime remoto. Os desafios também são percebidos pelas famílias que não são capacitadas para participar do processo de ensino-aprendizagem desses alunos. Conclui-se que os alunos autistas encontram-se em um momento crítico em seu processo educacional, sendo necessário a criação de metodologias de ensino que visem a autonomia desses alunos.

**Palavras-Chaves:** Aprendizagem. Autismo. Ensino remoto.

## **ABSTRACT**

Education is everyone's right and the State's duty to offer legal means for the inclusion and permanence of all students in school, especially those with special educational needs, such as those with autism. Autism interferes directly in the teaching-learning process of students, especially in the social relationships of these students. Faced with the scenario of the covid-19 pandemic, autistic students were placed in a new challenge, remote teaching. In this perspective, the present work aimed to understand the challenges of remote teaching for students with autism, supported by studies in the area of Education through revisional aspects. In order to achieve the objective, the method of bibliographic survey was used in the main scientific platforms, such as Scielo and Google Scholar, as well as the National Library of Theses and Dissertations, with a cut of 2020 to 2021. 9 studies were found that showed the influence of remote teaching on the education of autistic students. It was observed that the main difficulty encountered by these students is to adapt to the new study routine, as well as the new remote regime. The challenges are also perceived by families who are not qualified to participate in the teaching-learning process of these students. It is concluded that autistic students are at a critical moment in their educational process, requiring the creation of teaching methodologies that aim at the autonomy of these students.

**Keywords:** Learning. Autism. Remote teaching.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 A HISTORICIDADE DO AUTISMO .....</b>	<b>11</b>
2.1 BREVE HISTÓRICO.....	11
2.2 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA – TEA.....	13
<b>3 A APRENDIZAGEM DO ESTUDANTE QUE POSSUI O TEA .....</b>	<b>16</b>
3.1 EDUCAÇÃO DO ESTUDANTE AUTISTA EM TEMPOS DE PANDEMIA .....	21
<b>4 POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL .....</b>	<b>23</b>
<b>5 FERRAMENTAS EDUCATIVAS UTILIZADAS COM ALUNOS TEA EM TEMPOS DE PANDEMIA.....</b>	<b>25</b>
<b>6 METODOLOGIA.....</b>	<b>26</b>
6.1 TIPO DE ESTUDO .....	26
6.2 COLETA DE DADOS .....	26
<b>7 RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>27</b>
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>31</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A educação é um direito fundamental concedido a toda população pelo Estado, o mesmo deve oferecer meios para que essa educação seja de qualidade e igualdade para todos. Neste contexto, a educação inclusiva torna-se uma ferramenta que assegura a entrada e permanência de alunos com necessidades educacionais especiais nas escolas (BRASIL, 1994). Mesmo com a criação de leis que fazem obrigatória a presença desses alunos nas escolas nota-se que, na grande maioria dos casos, as instituições de ensino não estão preparadas para educar estes alunos (SCHMIDT et al., 2016).

Dentre as necessidades educacionais especiais mais comuns na atualidade, de acordo com Manual Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais (DSM-V, 2014, p. 97). O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido como “uma série de prejuízos persistentes na comunicação e interação social, [...] sintomas que estão presentes desde a infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário do indivíduo”, ainda é bastante excluído e inviabilizado nos padrões educacionais.

Observa-se ainda que as pessoas que possuem o TEA mostram-se com dificuldades em manter uma relação fora do ambiente familiar, ocasionando assim desafios no quesito convívio social e educacional, em especial pela falta de interação nas atividades propostas (APA, 2013).

Nota-se ainda que os níveis dessa doença variam consideravelmente, principalmente no quesito de desenvolvimento e da idade. No estudo de Bagarollo et al., (2013), percebe-se que os principais desafios de pessoas autistas acontecem nas seguintes áreas, interação social, comunicação, jogos simbólicos e imaginários.

Percebe-se que a inclusão de crianças com TEA nos ambientes escolares ainda é fonte de grandes debates, em especial pelas especificidades que o transtorno apresenta, sendo de relevância compreender qual a melhor maneira de inseri-los nas salas de aula. É muito importante que os profissionais das escolas, principalmente os professores, conheçam as realidades dos estudantes com o TEA, para que seja possível elaborar metodologias inclusivas nas aulas (FERRAIOLI; HARRIS, 2011). Sendo este processo um trabalho em conjunto dos docentes com todo o corpo estudantil, para que assim essas crianças possuam o melhor ensino possível (CASTRO, 2005).

Tais fatos demonstram a relevância do trabalho em conjunto dos profissionais da educação na inclusão dos alunos com autismo, tendo em vista que com o atual cenário pandêmico que a sociedade se encontra nos últimos dois anos as aulas tornaram-se remotas, sendo este mais um desafio para a promoção de uma educação de qualidade (SILVA; MAIO, 2021).

Diante disso, tem-se a problemática do estudo: Como o ensino remoto influenciou a educação de alunos com TEA durante a pandemia? Para responder essa pergunta traçou-se o objetivo central da pesquisa: Compreender os desafios do ensino remoto para os alunos com autismo, tendo como suporte os estudos na área da Educação por meio de aspectos revisionais. Além dos específicos: - Identificar os principais desafios do ensino remoto; - Analisar as possíveis possibilidades do ensino remoto para alunos autistas; - Realizar um levantamento bibliográfico que relate questões envolvendo o ensino remoto e o autismo. Para alcançar os objetivos propostos, a metodologia utilizada tem como aporte o estudo bibliográfico nas principais plataformas científicas, como o Google Scholar, Scielo, Plataforma Sucupira, Biblioteca Nacional de Teses e Dissertações, Lilacs, além dos indexadores acadêmicos universitários disponíveis para pesquisa.

## 2 A HISTORICIDADE DO AUTISMO

### 2.1 BREVE HISTÓRICO

Ao analisar o histórico do termo autismo, nota-se que o mesmo tem como origem a palavra grega *autos*, que tem como significado “dentro de si mesmo”, tal fato destaca muito bem como é a vida de uma pessoa com autismo, em vista que a mesma possui grandes dificuldades para se expressar e manter relações pessoais com outras pessoas (CUNHA, 2009).

Nota-se nas literaturas, diversos estudos que buscam compreender os aspectos que envolvem o autismo, assim como suas características. Percebe-se que há alguns anos as pessoas com autismo eram diagnosticadas com esquizofrenia, como mostra alguns estudos do psiquiatra Eugen Bleuler, que buscava compreender os mecanismos de fugas da realidade de seus pacientes, sendo o pioneiro no uso do termo autismo (CUNHA, 2009). Outro autor que possui grande notoriedade na área é o Leo Kanner, tendo trabalhos bastantes reconhecidos quanto a definição e busca de entender os aspectos por trás do autismo.

Ressalta-se que, apesar de anos de discussões acerca do tema, e depois de mais de 40 anos o mesmo foi incluído no Manual Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais em sua terceira edição, sendo observado o uso dos transtornos globais do desenvolvimento- TGD, onde o autismo clássico está incluído como um desses transtornos de desenvolvimento (TEODORO et al., 2016).

No estudo realizado por Cunha (2013, p. 23), observa-se a seguinte definição do TEA, como “O transtorno do espectro autista compreende um conjunto e comportamentos agrupados em uma tríade principal: 1 – comprometimentos na comunicação; 2 – dificuldades na interação social; 3 – atividades restritas e repetitivas (uma forma rígida de pensar e estereotípias).

Corroborando com essa afirmação a American Psychiatric Association (APA, 2014), frisa ainda que o autismo interfere diretamente nas interações sociais, principalmente no quesito comportamental e da comunicação. Tornando assim o convívio escolar um tanto quanto difícil para as crianças diagnosticadas com o TEA (SILVA; MAIO, 2021). Na tabela 1 apresenta-se algumas características das pessoas que se enquadram no TEA

### Características comuns do TEA.

Atraso na linguagem
Ausência ou pouco contato visual
Comportamentos restritos e/ou repetitivos
Déficits nas interações
Dificuldade em compartilhar emoções e em manter uma conversa
Dificuldade de compreensão da fala ou dos aspectos não verbais da comunicação
Interesses específicos
Insistências em padrões de rotina e resistência a mudanças
Movimentos estereotipados
Medos de sons
Restrições alimentares

**Fonte:** Adaptado de APA (2014)

Todos esses aspectos apontados no quadro acima, demonstram a necessidade de um intermediador entre as atividades realizadas pelos alunos autistas, tendo em vista que a pessoa no papel de mediador possui um vínculo pessoal mais concreto com os mesmos. Para Vygotsky (1994) o mediador terá um papel de grande relevância no processo de ensino-aprendizagem desses alunos, visto que o mesmo será responsável por mediar às interações realizadas com os demais alunos e o professor.

Coelho e Aguiar (2013, p. 37), defendem em seu estudo que “o autismo ataca principalmente os elos de comunicação do indivíduo com a sociedade em geral, provocando alterações na linguagem, imaginação e em seus interesses” que em muitos casos acaba colocando o estudante com autismo em posição restrita, afastando-a do convívio social, cultural e escolar.

Tais fatos demonstram a importância de estudar os comportamentos do indivíduo que possuem autismo. Nesse processo, vale ressaltar que se faz necessário desenvolver metodologias diferenciadas que agreguem novos conhecimentos, e que possam desenvolver suas habilidades na sala de aula de forma criativa e participativa, respeitando sua condição. Desse modo, cabe ao educador construir uma relação de afeto e respeito com o estudante, para que assim, elas se sintam pertencentes a sociedade, evitando qualquer tipo ou forma de exclusão.

## 2.2 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA – TEA

O transtorno do Espectro Autista (TEA) também conhecido como Autismo vem se tornando um tema bem discutidos em diversas áreas do conhecimento, tanto no estudo da medicina quanto no ensino da educação. Conforme Camargo e Bosa (2009, p. 65), “o autismo se caracteriza pela presença de um desenvolvimento acentuado atípico na interação social e comunicação, assim como pelo repertório marcadamente restrito de atividades e interesses”. Pois sobre essa observação, pode-se mencionar que cada indivíduo possui sua singularidade e que pensa, age e aprende de maneira distinta e independente.

Devido ao fato de não haver respostas prontas para os questionamentos em relação a todas as particularidades do TEA. Segundo Costa (2017, p.34), caracteriza o autismo como sendo;

Uma desordem neurológica que afeta a capacidade do indivíduo de se comunicar ou estabelecer relações com as pessoas e o ambiente, apresentando restrições por atividades, além de abranger sintomas complexos que variam de indivíduo para indivíduo, necessita ser diagnosticado na mais tenra idade, haja vista, que o tratamento precoce pode influenciar no avanço do desenvolvimento da pessoa com deficiência.

Diante do exposto, o estudo do espectro autista levanta-se muitos debates, no que concernem as instituições de ensino dos cursos superiores e, principalmente nas licenciaturas, sendo como foco de grandes eventos que englobam cursos, palestras de conscientização, entre outros espaços nos quais se procura discutir e aprofundar a temática, com intuito de sanar algumas dúvidas e esclarecimento principalmente por parte dos docentes que vivem constantemente em seu dia a dia em contato com os autistas.

Os estudos sobre o TEA ainda são muito recentes, com tudo, podemos ressaltar que, algumas informações sobre a temática possuem suas singularidades, pois muitas pesquisas estão sendo realizadas pelos estudiosos para obtenção de um diagnóstico bem mais específico, de acordo com a individualidade de cada pessoa.

Os estudantes que possuem autismo, sofre atraso na aquisição da linguagem verbal e não verbal e na socialização do indivíduo por possuir dificuldade de interação e socialização com as pessoas do ambiente familiar e meio externo. Para Cunha (2017, p.20), [...] uma deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação social,

manifestada por dificuldade de comunicação verbal, reciprocidade social e dificuldades para desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento.

Sobre essa perspectiva o autor ressalta a dificuldade que a pessoas com autismo possui na manifestação verbal e motora, em termos comportamentais, o estudante apresenta inflexibilização do pensamento, adere a uma rotina fixa, possuem ritmos diários e não aderem muito, novas rotinas, alguns apresentam espasmos ou agressividade. A classificação dos graus do autismo é dividida de acordo com o grau de comprometimento do distúrbio, que será discorrido na tabela 2 abaixo:

Tabela 2 - Os três graus do Transtorno do Espectro Autista

<b>Leve</b>	<b>Moderado</b>	<b>Severo</b>
O autismo com o grau considerado leve é o que menos possui as características da tríade, por isso necessitam de pouco suporte. Eles fazem uso da linguagem de forma peculiar (ecolalia) no entanto se fazem entender. Gostam de rotina e organização. Possuem comportamento repetitivos e restritos.	O autismo com o grau considerado moderado necessita de suporte, no entanto menos do que no grau severo. É notável a dificuldade de comunicação, contudo consegue se comunicar. Se irritam com facilidade e gostam de rotina. Eles têm normalmente as mesmas características dos de grau severo, porém com menor intensidade e com menos prejuízo na comunicação.	O autismo com grau severo necessita de muito suporte. Apresenta grave dificuldade na comunicação, isso reflete na interação social, tendo um comportamento pouco flexível estando bastante preso às rotinas, são muitíssimos estressados e presos às rotinas.

Fonte: (CUNHA, 2017)

É importante ressaltar que os graus de autismo não devem ser seguidos como uma via de regra, eles variam de acordo com o diagnóstico de cada pessoa pelo especialista, e estímulos estabelecidos no tratamento.

Pode-se mencionar que na maioria das vezes o espectro vem acompanhado de alguma outra patologia. Sobre essa perspectiva, ORRÚ (2012, p.28) discorre:

Em geral é comum diagnosticar-se uma doença com base em resultados concretos (exames laboratoriais) ou 'visíveis' aos olhos (síndrome de Down). A ausência de índices visuais dificulta o diagnóstico do autismo. Nos casos de autismo associado a

outra patologia, muitas crianças têm recebido atendimento médico insuficiente às suas necessidades. Precisam, além de medicamentos específicos para a doença distinguida, um atendimento e um programa adequado às necessidades inerentes ao autismo. Não é incomum um indivíduo com mais de uma condição clínica associada ao autismo; pelo contrario, é situação frequente.

Para tanto, vale enfatizar que, quanto mais rápido for o diagnóstico da pessoa, melhor responderá ao tratamento e estímulos desejados. No segundo capítulo apresenta-se um embasamento teórico a cerca da aprendizagem do estudante que possui autismo.

### 3 A APRENDIZAGEM DO ESTUDANTE QUE POSSUI O TEA

Sabe-se que, no mundo são aproximadamente cerca de 70 milhões de pessoas com autismo, (SILVA; GAIATO; REVELES. 2012), no entanto, surge o questionamento: como estão essas crianças na escola? Sabe-se que educar uma criança autista não é tarefa fácil, pois exige do educador conhecimento, flexibilização e entendimento das necessidades do estudante. Ensinar é condição desafiadora, pois necessita do apoio familiar para que juntos a comunidade e a escola consiga agregar processo adaptativo as necessidades do estudante, ofertando formas de aprendizado e avaliações diferenciadas.

Contudo, o autismo vem sendo estudado há seis (6) décadas, mas pode-se citar que, ainda há muito a ser descoberto acerca do espectro. Segundo Orrú (2012, p.27).

As questões sobre os possíveis agentes causadores do autismo são muito polêmicas. Inquirem-se desde causas psicológicas, disfunções cerebrais e alterações de neurotransmissores e fatores ambientais, como definidores da doença, até os de natureza genética, sendo esta última levantada e analisada mais recentemente por diversos cientistas.

O autor pontua que atualmente foram notadas algumas discussões que envolvem as questões genéticas, e que dentro da análise clínica podem contribuir para o desenvolvimento e aparecimento de crianças na família com autismo. Contudo, torna-se desafiador, pois, compreender as reais razões do surgimento desse espectro.

Com base no que foi mencionado, os autores Carothers e Taylor (2004), discorrem que, o objetivo da educação de uma criança autista é o de aumentar sua independência, a fim de proporcionar mais segurança ao executar tarefas do cotidiano, além de melhorar a qualidade de vida da criança e de seus familiares.

A criança necessitará ir à escola, conhecer todo o espaço físico, a equipe, a comunidade escolar e todo o corpo docente é importante para se ter maior tranquilidade ao deixar a criança sob os cuidados da instituição. Após a matrícula é importante que se leve a criança para conhecer também todo o espaço escolar, principalmente a sala em que irá estudar.

Como cita Orrú (2012) o professor deve preparar também a turma antes da chegada da criança autista, devendo falar sobre diversidade, respeito e explicar que o novo colega precisa da ajuda e da colaboração de todos.

A escola é o ponto inicial que a criança que possui autismo deva integrar, pois é neste espaço que desenvolverá suas habilidades de linguagem, comunicação e interação com mais intensidade. Dentro do ambiente escolar, poderá aprender conviver e se relacionar com outras pessoas, não somente sua instituição familiar. Conviver em sociedade se torna um desafio muito promissor à criança ou pessoa com autismo.

Para o autista a escola se torna o espaço de socialização, uma vez que o estudante tem dificuldade de interagir com outras pessoas. Esse é o primeiro ponto em que a escola contribui com o aluno. A respeito dessa interação, os autores corroboram:

O processo de inclusão escolar das pessoas com TEA deve acontecer por meio de práticas pedagógicas voltadas ao cotidiano dos alunos, tendo por base suas experiências e ações do dia a dia, para a promoção do desenvolvimento da criança como pessoa e não como deficiente. Para isso, além do que simplesmente colocá-las dentro do espaço escolar, é preciso proporcionar uma aprendizagem significativa, baseada em suas potencialidades e práticas cotidianas [...]. (SANT'ANA; SANTOS, 2015, p.112).

A rotina escolar é outro aspecto importante a ser discutido, pois a sequência de suas atividades contribui para seu desenvolvimento. Por isso, é preciso que os pais e os professores possam introduzir pequenas mudanças na vida diária da criança, inicialmente, uma proposta de cada vez, como por exemplo: mudar o caminho de ir à escola, apresentar uma nova carteira, um novo lugar para sentar, deixar fluir as informações de forma natural.

É importante ressaltar que, na educação, não existem modelos prontos, mas sim adaptações que facilitam a aprendizagem do aluno autista. Sendo assim, o primeiro passo parte da família ao procurar entender a importância da escola na vida do autista e a necessidade de matriculá-lo.

A criança que possui o espectro necessita de um acompanhamento educacional especializado, mas isso não pode se tornar um obstáculo, pelo contrário, esse acompanhante tem por função auxiliar a criança criando possibilidades para que ela aprenda e se desenvolva.

O acompanhante deverá dar autonomia para o aluno realizar atividade, mas sempre se colocar a disposição, auxiliando e mediando. Mesmo não havendo modelos prontos, algumas medidas podem ser tomadas para que os autistas interajam melhor no ambiente escolar e tenham menos dificuldade na hora de sua aprendizagem. Nesse sentido, apresento alguns

pontos que merecem destaque para se pensar na aprendizagem do aluno autista (ORRÚ, 2012):

A preparação do ambiente: Uma sala de aula deve ser pensada para a diversidade de seus alunos, então se há uma criança com autismo que repudia muita informação visual, não gosta de cores vibrantes, a sala deve ser pensada para isso. Partir do interesse 16 da criança: Sabemos que não é possível fazer um plano de aula para cada criança, no entanto é possível fazer adaptações no plano para que os conteúdos e objetivos atinjam a todos. É preciso dar valor nas preferências das crianças autistas para que elas tenham interesse no que vai ser ensinado.

Faz-se necessário compreender o processo educativo do estudante com autismo para poder elaborar estratégias diferenciadas que venham contribuir com o aprendizado agregando as preferências e rotinas do aluno. Verificar se gosta de copiar e desenhar, podemos, por meio disso, direcioná-las a atividades complementares. Precisamos encontrar uma forma de ativar as possibilidades de aprender, utilizando os recursos disponíveis. (SILVA; GAIATO; REVELES. 2012. p. 88).

Orrú (2012) corrobora que, “é possível afirmar que se torna necessário partir do interesse da criança e não do que foi pensado para o restante da turma”. A pessoa que possui autismo, geralmente tem um interesse peculiar ou fixo em um objeto específico, o professor vai observando e se adequando as especificidades do estudante.

O estudando com autismo necessita de períodos curtos de tempo para se concentrar, se a atividade for longa, logo perderá o interesse, as atividades precisam ser simples e curtas, as frases necessitam ser diretas, objetivas, sucintas, sem uso metáfora. Pode-se fazer uso de imagem nas atividades, elaborar uma rotina atrativa, com ilustrações, mural de leitura, passeios, aulas práticas, mas sempre avisar o aluno que no outro dia irão para um determinado ambiente, anteceder a informação para que ele possa introduzir a informação em sua rotina.

Para facilitar a aprendizagem do aluno, o professor utilizará ilustrações e imagens em sua aula. Essas ilustrações devem corresponder a vivência do aluno. Organizar todo o contexto de sala de aula com quadro de rotina das tarefas planejadas.

Por conta dessa obsessão por rotinas, coisas novas para os autistas podem gerar grande desconforto. A respeito disso, Orrú (2012), descreve que:

Diante daquilo que é apresentado ao autista como novidade, mesmo sendo indiscutivelmente necessário para a sua aprendizagem, é preciso ter cautela. O que é

novo pode lhe gerar angústia e repulsa, por não compreender o motivo de tal imposição, pois tem uma 30 síndrome comprometedora de sua função simbólica, agravante de alterações em sua comunicação. Deve ser evidenciado pelo profissional o respeito à individualidade dessa pessoa, aceitando seus limites e propondo estratégias para a superação das barreiras apresentadas, incentivando o desenvolvimento e o crescimento de seu potencial global. (ORRÚ, 2012, p.37)

Nesse sentido, o docente precisa ter conhecimento sobre o autismo, e ter sensibilidade de como o autista se sente mais confortável em aprender e respeitando as limitações.

Professores qualificados, preparados e em constante busca de aprimoramento são essenciais na aprendizagem das crianças. Sobre isso Martins expõe que:

Está previsto, assim, que na formação inicial, durante a graduação, todos os futuros professores da Educação Básica devem desenvolver competências para atuar também com alunos que apresentem necessidades especiais, em qualquer etapa ou modalidade de ensino, na perspectiva de se efetivar a educação inclusiva. (MARTINS, 2012, p.29- 30).

Um professor que não busca se qualificar a partir da demanda de seus alunos não consegue atingir o objetivo da educação. Como ensinar uma criança com autismo se não se sabe nem mesmo o que é o autismo. Por isso, o docente deve estar em uma constante busca, investigação e pesquisa aprimorando sempre seus conhecimentos acerca das especificidades de seus alunos.

Deste modo, o professor deve estar em constante processo de formação continuada tendo a compreensão de que o processo de formação não é estático, mas sim um contínuo incessante que sempre deve buscar novas formas de conhecimento.

Diante de tal inquietação, o professor necessita buscar conhecimento para uma formação alicerçada no conhecimento de cada especificidade recebida por ele em sala, dentre outras patologias que acompanham o espectro como: dificuldades de aprendizagem, outros transtornos e deficiências: auditiva, física, intelectual, entre outras.

Um fator primordial que não deve ser esquecido é o acompanhamento e a participação da família na escola, pois quando a criança se sente segura e confiante, consegue desenvolver com mais rapidez suas habilidades educacionais, e a contribuição dos familiares no processo contribui para o aprimoramento e melhoramento da aprendizagem do aluno. A aprendizagem, necessita ser contínua, uma descoberta e um desafio enfrentado a cada dia, e quando se tem o apoio da escola e família, as competências fluem naturalmente.

Em qualquer instituição educacional, a presença da família é primordial. Quando a família contribui e incentiva a educação do filho, incentiva e motiva a continuidade da formação do filho. Escola e família devem caminhar na mesma direção, para que não haja contradições de um ambiente ao outro.

Nesse sentido, a família e a escola devem se conhecer bem, para trabalhar em conjunto, Cunha explica:

A escola está inserida na educação entre a família e a sociedade, onde se adquire princípios e regras estabelecidas para o convívio. Ainda que seja normal existir em qualquer aluno posturas comportamentais diferentes em casa e na escola, no autismo, isto poderá trazer grande prejuízo. Por isso, é necessário que os pais e os profissionais da escola trabalhem da mesma forma, estabelecendo os mesmos princípios que permitirão uma articulação harmoniosa na educação. (CUNHA, 2017, p.93).

A educação depende da instituição escola. Quando a família compreende esse processo, se fazem presente na educação do filho. Essa união favorece a articulação entre escola e família e a mágica acontece. Pais e professores devem sempre ter em mente que, como afirma Silva; Gaiato; Reveles:

[...] para que o aprendizado seja eficaz, é fundamental que haja palavras de incentivo e elogios sempre, bem como premiações quando ela conseguir realizar avanços, mesmo que pequenos. Críticas e expressões de reprovação estão proibidas nessa fase! A criança nunca pode associar o aprendizado a algo aversivo, mas sim a algo prazeroso e positivo. É claro que não existe uma fórmula mágica no trato com alunos com autismo. Tudo requer tempo, persistência e muita dedicação (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p.88

Esses pontos ressaltados pelo autor, são eficazes e surtem efeitos, quando há o engajamento e o compromisso do educador, em propor estímulos e metodologias diferenciadas para adequar ao ensino do aluno que possui o espectro. Compreende-se ao longo da trajetória da pesquisa, que cada estudante que possui o espectro, apresenta singularidades e potencialidades diferenciadas, cabe ao professor está atento as mudanças para inovar sua prática pedagógica.

No próximo capítulo serão apresentadas algumas legislações que defendem e asseguram a integração e a inclusão do estudante com autismo, através das políticas educacionais inclusivas do Brasil.

### 3.1 EDUCAÇÃO DO ESTUDANTE AUTISTA EM TEMPOS DE PANDEMIA

No ano de 2020, o mundo passou por uma pandemia e mudanças radicais que abalou a sociedade, que foi chamada de COVID-19, manifestou-se como uma doença infecciosa. Houve o isolamento das pessoas e o fechamento de vários ambientes. Nesse sentido, a escola foi uma das instituições que aderiu as recomendações do ministério da saúde. De acordo com o Parecer CNE/CP nº 5/2020, aprovado em 28 de abril de 2020, que consta no Relatório Nacional de educação que a OMS declarada, em 11 de março de 2020, que a disseminação comunitária da COVID-19 em todos os Continentes a caracteriza como pandemia.

As autoridades isolaram as cidades e seu entorno para evitar contaminação.

No dia 17 de março de 2020, por meio da Portaria nº 343, o Ministério da Educação (MEC) se manifestou sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia da COVID-19, para instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino. Posteriormente, tal Portaria recebeu ajustes e acréscimos por meio das Portarias n os 345, de 19 de março de 2020, e 356, de 20 de março de 2020. Em 18 de março de 2020, o Conselho Nacional de Educação (CNE) veio a público elucidar aos sistemas e às redes de ensino, de todos os níveis, etapas e modalidades, considerando a necessidade de reorganizar as atividades acadêmicas por conta de ações preventivas à propagação da COVID-19. Em decorrência deste cenário, os Conselhos Estaduais de Educação de diversos estados e vários Conselhos Municipais de Educação emitiram resoluções e/ou pareceres orientativos para as instituições de ensino pertencentes aos seus respectivos sistemas sobre a reorganização do calendário escolar e uso de atividades não presenciais. Autoridades isolavam aquela e outras cidades no entorno para evitar que a contaminação se espalhasse ainda mais e ampliavam o número de leitos disponíveis para o cuidado com os afetados.

Sobre essa perspectiva foi aderido o ensino remoto e ensino híbrido, através da utilização das mídias digitais e plataformas de ensino. Neste contexto, Moreira (2020, p.4) enfatizam “A virtualização dos sistemas educativos a que neste momento estamos sendo obrigados a efetuar pressupõe a alteração dos seus modelos e práticas e “obriga” o professor a assumir novos papéis, comunicando de formas com as quais não estava habituado”. Portanto, surge como uma alternativa de ensino seja realizado mesmo diante das restrições impostas pela Covid-19, minimizando os impactos na aprendizagem.

Assim, o ensino remoto se classifica como:

[...] uma modalidade de ensino que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e alunos e foi adotada de forma temporária nos diferentes níveis de

ensino por instituições educacionais do mundo inteiro para que as atividades escolares não sejam interrompidas (CURY; LEAL, 2021, p. 01).

Diante dos acontecimentos, o ensino presencial foi substituído pelos meios digitais. No ensino remoto, a aula ocorre num tempo síncrono (seguindo os princípios do ensino presencial), com videoaula, aula expositiva por sistema de webconferência, e as atividades seguem durante a semana no espaço de um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) de forma assíncrona (CURY; LEAL, 2021).

Por tanto, em razão de minimização dos impactos na aprendizagem dos estudantes advindos do sistema de ensino originalmente presencial, aplicadas no momento de crise (DAROS, 2020). Cabe salientar que não se pode considerar as aulas remotas como uma modalidade ensino, mas uma solução rápida e acessível para muitas instituições (DAROS, 2020).

O ensino remoto busca manter a rotina de sala de aula em um cenário virtual acessado por cada aluno em lugares diferentes. Nos dias atuais, devido à ampliação dos meios tecnológicos, tem-se utilizado diversas ferramentas que permitiram que essas aulas fossem realizadas, tais como o uso de Software, aplicativos e plataformas, como: o Zoom, Skype, Google Hangout, Google Meet e ainda o Google Classroom, que além das transmissões ao vivo, concede aos alunos e professores as gravações das aulas e atividades complementares.

Sabe-se que o ensino remoto foi uma solução temporária emergencial para continuar as atividades pedagógicas através do acesso a internet.

#### 4 POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL

Assim como a Educação Regular, a Educação Especial é um direito assegurado pela Constituição Federal, em seu artigo 206, inciso III, “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1998, p. 15). Além da Constituição Federal, Tem-se a Lei Nº 9394/96 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional do capítulo V do inciso III e IV que especifica:

III- professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV- educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora.

O professor necessita se especializar na modalidade inclusiva, pois os alunos estão chegando as escolas, e necessitam ser atendidos de acordo com que rege a legislação, no que tange as especificidades. Nesse sentido, cita-se o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1994) vem somar forças para assegurar os direitos de crianças com necessidades educacionais especiais.

Dentro dessa perspectiva, percebe-se que a Educação Inclusiva engloba outros fatores além dos educacionais, como o político, social, econômico e cultural, envolvendo ainda a comunidade na qual o aluno está inserido, sendo estes fatores indispensáveis para o acesso à educação de qualidade, com equidade, inclusão e no combate à discriminação (UNESCO, 2011).

No contexto histórico sobre a inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais é importante comentar sobre os documentos que deram origem a essa luta como a Declaração de Jomtien, conhecida também como Declaração Mundial de Educação para Todos (UNESCO, 1990), assim como a Convenção de Direito da Criança (UNESCO, 1988) e também a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), sendo este documento um marco na luta para a inclusão de pessoas com deficiência nas escolas, tendo como base de discussão o direito de todos de usufruir oportunidades educacionais iguais e que atendam suas necessidades de aprendizagem.

Diante desse cenário, é possível perceber a importância da criação de políticas públicas que garantem à inclusão no sistema educacional todas as pessoas que possuam alguma deficiência, para que o seu direito a educação seja concedido de forma total, sem nenhum tipo de exclusão e preconceito.

No contexto brasileiro observa-se a implantação de políticas públicas que visam a inserção das pessoas com deficiência nas escolas, como é o caso da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), que busca oferecer condições de acesso e permanência nas escolas, assim como recursos pedagógicos necessários para o seu processo educacional. Outro marco importante foi a Lei nº 12.764/2012 que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (BRASIL, 2012).

Esses instrumentos permitiram que os profissionais da educação, em especial os professores, buscassem meios para se aperfeiçoarem para atender de forma correta os alunos com necessidades educacionais especiais, assim como o estudo de metodologias que apoiassem a aprendizagem desses alunos em sala de aula. Frisa-se ainda que essas políticas auxiliaram ainda a participação da família e da sociedade em geral no processo educacional dessas pessoas (BRASIL, 2008; BRASIL, 2013).

É necessário salientar que os professores da educação inclusiva estão preparados para trabalhar com as pessoas que possuem a necessidade do acesso ao atendimento educacional especializado, tendo como base os mecanismos educacionais importantes para o processo de ensino-aprendizagem dos mesmos.

## **5 FERRAMENTAS EDUCATIVAS UTILIZADAS COM ALUNOS TEA EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Ao analisar os dispositivos necessários para a educação de alunos autistas observa-se programas como o Tratamento e educação para crianças autistas e com distúrbios correlatos da comunicação (TEACCH) e o Sistema de Comunicação Através da Troca de Figuras (PECS), além da Análise aplicada do comportamento (ABA) que se baseia em uma ciência comportamental (BIANCHI, 2017). O TEACCH busca auxiliar o autista na comunicação e independência, visando que o aprendizado da criança ocorra de forma satisfatória, compreendendo suas limitações (MELLO, 2001).

Enquanto isso, o PECS tem como proposta principal a ampliação do processo de comunicação entre o autista com as demais pessoas. Ao utilizar as imagens no seu processo de comunicação, a pessoa autista percebe que é compreendida mais rapidamente, tendo a ajuda das figuras. Tais fatos auxiliam o autista na construção de sua comunicação, além de ser um fator de grande relevância para aumentar a interação com o outro, evitando assim que o autista se sinta deslocado dentro da sociedade, sendo um mecanismo de inclusivo (MELLO, 2001; BIANCHI, 2017).

A Análise do Comportamento Aplicada – Terapia ABA desempenha o papel de desenvolvedor das principais habilidades necessárias para o convívio saudável em sociedade das pessoas autistas, sendo que estas habilidades são construídas por etapas (MELLO, 2001). Observase ainda que a utilização do ABA permite a diminuição do comportamento agressivo que alguns autistas apresentam, tendo em vista que sua gênese baseia-se em teorias comportamentais, como o condicionamento operante de Skinner (COELHO; AGUIAR, 2015).

Os métodos apresentados mostram-se uma ferramenta de grande ajuda dentro dos processos educacionais de pessoas com autismo, principalmente no que diz respeito a construção do indivíduo social, assim como o seu sistema de comunicação, em vista que estes mecanismos permitem que o autista se torne independente.

## **6 METODOLOGIA**

### **6.1 TIPO DE ESTUDO**

O presente estudo se caracteriza em uma pesquisa qualitativa e bibliográfica. Para Gil (2007) a revisão bibliográfica é realizada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e trabalhos disponibilizados na internet.

Com a pesquisa bibliográfica é possível alcançar um quantitativo maior de informações, além do compartilhamento com outras culturas nos diferentes momentos do aprendizado. Segundo Fachin (2006, p. 118) “a pesquisa bibliográfica é, por excelência, uma fonte inesgotável de informações, pois auxilia na atividade intelectual e contribui para o conhecimento cultural em todas as formas de saber” na busca de referenciais teóricos para subsidiar a pesquisa e com isso buscar mais similaridade com o contexto do assunto, além da qualidade dos dados coletados.

### **6.2 COLETA DE DADOS**

A pesquisa buscou estudos nas bases de dados da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e Biblioteca Nacional de Teses e Dissertações (BNTD), do Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica (IBICT). Essas bases foram escolhidas por serem fontes confiáveis e por possuírem um extenso acervo de teses e dissertações, algumas até com arquivos digitais. Assim, como o Google Scholar, Scielo, Plataforma Sucupira e Lilacs. Buscou-se por palavras-chave como: ‘autismo’, ‘pandemia’, ‘Transtorno do Espectro Autista’, ‘ensino remoto’. O recorte temporal foi de 2020 a 2021.

## 7 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No quadro 1 apresenta-se os principais resultados encontrados no levantamento realizado, sendo sintetizados para uma melhor compreensão.

**Quadro 1** – Síntese dos estudos incluídos no levantamento bibliográfico a partir das bases de dados ou periódicos no biênio (2020-2021)

<b>Autor(es)</b>	<b>Título</b>	<b>Desafio</b>	<b>Possibilidade</b>
Santos, Silva e Souza (2020)	Os Desafios da Educação Inclusiva de Alunos com Transtorno de Espectro Autista e seus Impactos durante a Pandemia	Dificuldade em acompanhar as aulas.	Não tem.
Silva (2020)	O ensino inclusivo no contexto do ensino remoto: um estudo de caso	Adaptar as atividades e avaliações.	Não tem.
Souza et al. (2020)	Desafios explicitados por famílias de estudantes com transtorno do espectro autista (TEA) durante a pandemia de covid-19.	Quebra da rotina dos alunos.	Não tem.
Vier, Silveira e Prsybyciem (2020)	A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e orientação psicológica em tempos pandêmicos: suas relações e desafios na educação	Falta de mediação presencial dos professores no ambiente de aprendizagem	Não tem.
Barros e Uhmman (2020)	As (Im)Possibilidades do Ensino Remoto para o aluno com Transtorno do Espectro Autista	A falta de interesse desses Alunos para acompanhar as atividades de maneira online	Não tem.
Telles, Moret e Mendonça (2021)	O aluno com transtorno do espectro autista (TEA) e a educação remota	Dificuldade das famílias em se adaptar à nova rotina.	Não tem.

Cabral, Monteiro e Damasceno (2021)	Educação inclusiva em tempos de barbárie: questões sobre os desafios do ensino remoto.	Perda da rotina dos alunos	Não tem.
Vieira et al. (2021)	Aulas remotas para alunos com transtorno do espectro autista na pandemia covid-19, propostas por uma Secretaria Municipal e sob a ótica dos professores: um estudo descritivo-documental	Dificuldade no processo de ensino aprendizagem dos alunos.	Não tem.
Dias, Santos e Abreu (2021)	Crianças com transtorno do espectro autista em tempos de pandemia: contextos de inclusão/exclusão na educação infantil.	Mudança de comportamento frente a nova rotina.	Não tem.

**Fonte:** Dados da pesquisa (2022)

Com base nos resultados apresentados acima observou-se que a maioria dos estudos apontam as dificuldades de se adaptarem a nova rotina de ensino, como o principal desafio encontrado pelos estudantes autistas. Além da pouca relação entre a escola e a família desses alunos, assim como as dificuldades da família em auxiliar os alunos durante os encontros escolares.

Como vem sendo observado no decorrer da pesquisa, os alunos com TEA necessitam de um olhar mais atento durante a realização de suas aulas, levando em consideração as especificidades de cada TEA. Tal fato, corrobora com o que foi levantado pelos autores.

O afastamento das atividades presenciais nas escolas dificultou também o acesso dos alunos ao acompanhamento pedagógico específico desses alunos. Borges e Almeida (2021) comentam em seu estudo que antes da pandemia já existia uma crescente urgência na elaboração de novas metodologias que assegurem a autonomia dos alunos com TEA e que o ensino remoto trouxe à tona essa realidade.

Nota- se ainda que os professores no ensino remoto estão buscando a inovação de suas práticas pedagógicas a cada nova aula, para que o processo de ensino-aprendizagem torne-se mais dinâmico e eficiente para todos os alunos, em especial para os alunos autistas (BORGES; ALMEIDA, 2021).

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi apresentado a pandemia do novo Corona vírus mudou a dinâmica social de todo o mundo, afetando diretamente milhares de pessoas. Uma alternativa para impedir que os estudantes fossem mais prejudicados por essa pandemia, o ensino remoto mostrou se como uma saída. É nesta perspectiva, que os alunos com TEA foram inseridos e tiveram que se adaptar.

O processo de adaptação dos alunos autista foi bastante difícil, como apontou os estudos analisados, principalmente a perda da rotina foi um ponto negativo no seu processo de aprendizagem, assim como as dificuldades do acompanhamento do atendimento educacional especial escolar.

Nesta nova realidade as famílias dos alunos, em especial dos com TEA, apresentam como o principal mediador no processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista que elas ficam responsáveis por auxiliar durante as aulas, o que pode gerar certos desafios de integração durante esse período de isolamento.

Mesmo que as escolas apresentem problemas em alguns pontos, elas continuam tendo um papel de grande relevância para a educação dos alunos autistas, principalmente por ter uma equipe multidisciplinar com capacidade para atender a demanda desses alunos, nestes momentos percebe-se o quão é importante a inclusão de todos no processo educacional.

De modo geral, foi possível perceber uma certa carência de pesquisa científicas na área, tal fato pode estar relacionado com o cenário pandêmico que estamos vivendo atualmente. Fazse necessário que os estudos procurem compreender todo o processo educacional dos alunos com TEA, para que assim seja possível traçar objetivos para a criação de metodologias assistivas para auxiliar na educação desses alunos.

## REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora. 2014.
- BAGAROLLO, M. F.; RIBEIRO, V. V.; PANHOCA, I. O brincar de uma criança autista sob a ótica da perspectiva histórico-cultural. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 19, n. 1, p. 107-120, 2013.
- BARROS, L. C.; UHMANN, S. **As (Im) Possibilidades do Ensino Remoto para o Aluno com Transtorno do Espectro Autista**. Anais do Seminário Nacional de Educação Especial e do Seminário Capixaba de Educação Inclusiva, 3(3). 2020.
- BORGES, M. J. G.; ALMEIDA, I. M. M. Z. P. A inclusão do educando autista em tempos de ensino remoto: utopia ou realidade? In: DIAS, K.de A.(org.). **Educação em tempos de pandemia e isolamento: propostas e práticas**. Ponta Grossa: Atena, 2021. Cap. 9. p. 99-110.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988**. Contém as emendas constitucionais posteriores. Brasília, DF: Senado, 1988.
- BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: UNESCO, 1994.
- BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. MEC; SEEP. 2008.
- BRASIL, **Lei Nº 12764 de 12 de dezembro de 2012**. Dispõe sobre a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília. 2012.
- BIANCHI, R. C. **A educação de alunos com transtornos do espectro autista no ensino regular: desafios e possibilidades**. Dissertação (Mestrado Profissional – Políticas Públicas). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. 126f. São Paulo, 2017.
- CABRAL, R. C. S.; MOREIRA, J. R.; DAMASCENO, A. R. **Educação inclusiva em tempos de barbárie: questões sobre os desafios do ensino remoto**. Revista de Estudos em Educação e Diversidade. v. 2, n. 3, p. 360-374. jan./mar. 2021.
- CANDIDO, E. A. P.; ASSUNÇÃO, M. M.; CUNHA, J. J. D.; CARNEIRO, R. U. C. **Aluno com o transtorno de espectro autista em tempos de pandemia: uma revisão sistemática**.

Seminário Nacional e Seminário Internacional Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional, 8(9). 2021.

CASTRO, R. C. M. D. **Vozes no silêncio: Um grupo de formação crítico-reflexiva de professoras de alunos com autismo.** Psicologia da Educação, São Paulo, v. 2, n. 21, p. 123-163, 2005.

COELHO, A.M. AGUIAR, A.I. **Intervenção Psicoeducacional Integrada nas Perturbações do espectro do Autismo: Um Manual para Pais e Professores.** 2ª ed. Porto: Porto Editora, 2013.

COSTA, Fihama Brenda Lucena da. **O processo de inclusão do aluno autista na escola regular: análise sobre as práticas pedagógicas.** Coicó-RN: UFRN, 2017.

CUNHA, E. **Autismo e Inclusão: Psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família.** Rio de Janeiro: Wak, 2009. CUNHA, E. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas.** 2ª ed. RJ: Wak Editora, 2013. CUNHA, Eugênio. **Autismo e Inclusão: Psicopedagogia práticas educativas na escola e na família.** 7. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2017.

DA SILVA, M. R.; HAYASHI, C. R. M.; HAYASHI, M. C. P. I. Análise bibliométrica e cientométrica: desafios para especialistas que atuam no campo. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p. 110-129, 2011.

DA SILVA, Robson Carlos; DOS SANTOS, George França; RODRIGUES, Waldecy. **A OFERTA DO ENSINO REMOTO PARA ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): uma revisão em tempos de pandemia.** AUTISMO, p. 48.

DIAS, A. A.; SANTOS, I. S.; ABREU, A. R. P. **Crianças com transtorno do espectro autista em tempos de pandemia: contextos de inclusão/exclusão na educação infantil.** Zeroa-Seis, 23(Especial), 101-124. 2021.

FERRAIOLI, S. J.; HARRIS, S. L. **Effective educational inclusion of students on the autism spectrum.** Journal of Contemporary Psychotherapy, [S.I.], v. 41, n. 1, p. 19-28, 2011.

GARCIA, D. I. B.; JACOMIN, J. G.; DAMBROS, A. R. T.; FAVARO, N. D. A. L. G. **A estruturação do trabalho escolar ao aluno autista na escola de modalidade de educação especial: um estudo de caso no Norte do Paraná.** Research, Society and Development, 9(10). 2020.

MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. **Reflexões sobre a formação de professores com vistas a educação inclusiva.** Salvador: EDUFBA, 2012. p. 25-38.

- MELLO, A. M. S. **Autismo: guia prático**. São Paulo: AMA, 2001.
- MELLO, A. M. S. **Autismo: Guia Prático**. Ed. 3ª. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE; 2004.
- MOREIRA, J. A., Henriques, S., Barros, D. (2020). Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. *Dialogia*, 34, 351-364
- ORRÚ, Silvia Ester. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar**. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.
- SANTOS, C. V. B.; SILVA, R. C.; SOUZA, R. C. R. **Os Desafios da Educação Inclusiva de Alunos com Transtorno de Espectro Autista e seus Impactos durante a Pandemia**. Anima Educação. 2020.
- SANT'ANA, Wallace; SANTOS, Cristiane. **Educação e Transtorno do Espectro Autista**. *Revista Temporis [ação]*. ISSN 2317-5516 | v.15 | n.2 | jul./dez. | 2015 | p.99-114. Disponível em: <http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/3603>. Acesso em: 19/02/2019.
- SCHMIDT, C. et al. **Inclusão escolar e autismo: uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas**. *Psicologia: Teoria e Prática*, 18(1), 2016, p. 222-235.
- SERRA, D. **Autismo, família e inclusão**. *Polêmica*, revista eletrônica, v. 9, n. 1, p. 40 – 56, 2010.
- SILVA, G. P.; MAIO, E. R. **Educação inclusiva no ensino remoto: fortalecendo o vínculo escola e família**. *Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial*, v.8, n.1, p. 41-54, Jan.-Jun., 2021.
- SILVA, L. C. S. **O ensino inclusivo no contexto do ensino remoto: um estudo de caso**. Anima Educação. 2020.
- SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayara Bonifácio; REVELES, Leandro Thadeu. **Mundo singular: entenda o autismo**. Rio de Janeiro: Fontanar, 2012.
- SOUZA, D. L. S. **Desafios explicitados por famílias de estudantes com transtorno do espectro autista (TEA) durante a pandemia de covid-19**. *Anais Conedu*. Maceió. 2020.

TEODORO, G. C.; GODINHO, M. C. S.; HACHIMINE, A. H. F. **A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Fundamental.** Research, Society and Development, vol. 1, núm. 2, 2016.

VIER, R. F. S.; SILVEIRA, R. M. C. F.; PRSYBYCIEM, M. M. **A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e orientação psicológica em tempos pandêmicos: suas relações e desafios na educação.** Revista Práxis, v. 12, n. 1 (Sup.), dezembro, 2020.

VIEIRA, D. A. et al. **Aulas remotas para alunos com transtorno do espectro autista na pandemia covid-19, propostas por uma Secretaria Municipal e sob a ótica dos professores: um estudo descritivo-documental.** Revista Exitus, Santarém/PA, Vol. 11, p. 01-25, e020183, 2021.

VYGOTSKI, L. S. **Psicologia da arte.** (Trad. Paulo Bezerra). São Paulo: Martins fontes. 1994.